

As empresas multinacionais constituem, pois, a base do chamado "modelo brasileiro de desenvolvimento". Elas são atraídas para produzir aqui por toda sorte de concessões e, realmente, como se transformaram em empresas nômades, afluem a esta nova Canaã do capitalismo subdesenvolvido, que se fascina com altos índices quantitativos, omitindo, propositadamente, suas mazelas qualitativas.<sup>160</sup> E buscam, no parque industrial interno, favorecidas pelo aviltamento da moeda nacional, conquistar aquelas áreas de produção que já tenham entrado na etapa exportadora.<sup>161</sup> O Brasil passa a constituir, assim, uma espécie de plataforma, de onde as multinacionais lançam os seus fluxos de produção, visando aqueles mercados para os quais o nosso país oferece melhores condições de fornecimento, particularmente os da América Latina e os da África; é muito mais fácil exportar do Brasil para os países americanos e africanos do que dos Estados Unidos. Daí a importância que a diplomacia brasileira, que perdera qualquer autonomia de movimentos e de iniciativa, retornando à condição de satélite dos ditames do Departamento de Estado, quando não de outras agências de poder dos Estados Unidos, vai atribuindo à África.<sup>162</sup> Um teórico das finanças oficiais, elevado à condição de milagreiro, conceituava assim o problema da exportação brasileira: "Se o País não é capaz de mobilizar-se para as exportações, ele freqüentemente é levado a uma crise de balanço de pagamentos". A crise de balanço de pagamentos, entretanto, estava ligada ao endividamento externo levado a limites jamais excedidos.

A balança comercial brasileira, realmente, que vinha proporcionando saldos, alinhou uma diferença negativa de 325 milhões

<sup>160</sup> "Formosa passou a ser o primeiro exportador de aparelhos de televisão para os Estados Unidos, superando o Japão. A expansão é devida ao desenvolvimento das filiais dos grandes fabricantes americanos, que encontraram em Formosa (Taiwan) uma mão-de-obra mais barata que a dos japoneses". (*Jornal do Brasil*, Rio, 21 de abril de 1972).

<sup>161</sup> "As perspectivas de exportação para esse setor são excelentes. Tanto assim que um grupo norte-americano está cogitando de instalar uma grande fábrica de calçados em Minas Gerais, voltada para o mercado externo, com capacidade para produzir 40 mil pares por dia". (*Jornal do Brasil*, Rio, 3 de junho de 1972). E dizer que a maioria da população brasileira anda descalça...

<sup>162</sup> "Na mesma semana em que o Itamarati fez chegar a Dacar a missão preparatória da viagem que o Chanceler Gibson Barbosa tem programada para outubro a oito países da África Negra, em Lisboa o Ministro Delfim Neto acelerou os entendimentos com o seu colega das finanças de Portugal sobre a criação de entrepostos alfandegados nas províncias ultramarinas — Lourenço Marques e Luanda — enquanto sua assessoria talava da possibilidade da abertura de uma agência do Banco do Brasil na África do Sul". (Luiz Barbosa: "África é um alvo brasileiro", in *Jornal do Brasil*, Rio, 28 de maio de 1972). Outra notícia: "O presidente do Banco do Brasil, Sr. Nestor Jost, afirmou ontem que ainda não está escolhido o país africano onde será instalada uma nova agência do banco, mas entende que deverá ser a Nigéria, a África do Sul ou Angola portuguesa". ("B. Brasil na África", in *Jornal do Brasil*, Rio, 11 de agosto de 1972).